

José Leite de Vasconcellos

# História da Língua Portuguesa

Edição paleográfica, modernizada e organizada por  
Adílio Júnior de Souza e Francisco de Freitas Leite



Pedro & João  
editores

# História da Língua Portuguesa

**DADOS ORIGINAIS DO ARTIGO:**

VASCONCELLOS, José Leite. História da Língua Portuguesa. **Revista Lusitana**: arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, redigido por José Leite de Vasconcellos, Lisboa, vol. XXV, n.1-4, p. 5-28, 1923/1925.

**Adílio Junior de Souza  
Francisco de Freitas Leite**  
(Organizadores)

# **História da Língua Portuguesa**

Edição paleográfica, modernizada e organizada por  
Adílio Junior de Souza e Francisco de Freitas Leite

José Leite de Vasconcellos é o **autor** do  
texto original de 1923

## Copyright © Organizadores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

---

José Leite de Vasconcellos (1858-1941). **História da Língua Portuguesa**. Edição paleográfica organizada por Adílio Junior de Souza e Francisco de Freitas Leite. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 41p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-1403-0 [Digital]**

1. História da Língua portuguesa. 2. História das línguas. 3. Línguas românticas. 4. Ensino de línguas. I. Título.

CDD – 469/370

---

**Capa:** Marcos Della Porta

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Revisão técnica:** Francisco de Freitas Leite.

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

### **Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2024

# Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Apresentação .....</b>                            | <b>7</b>  |
| Adílio Junior de Souza<br>Francisco de Freitas Leite |           |
| <b>História da Língua Portuguesa .....</b>           | <b>11</b> |
| José Leite de Vasconcellos                           |           |
| <b>Referências .....</b>                             | <b>37</b> |
| <b>Sobre os organizadores .....</b>                  | <b>41</b> |



# Apresentação

Chamam-se línguas românicas, neolatinas, novilatinas ou simplesmente latinas os diversos idiomas que representam continuidades históricas do latim. A rigor, não é exato dizer-se que tais línguas *provêm* ou descendem do latim, senão que elas *são* o latim nos seus diversos aspectos atuais. Sim, porque nunca houve um momento, na história dos povos romanizados, em que tivesse acabado o latim e começado um dos *romances*. Sempre houve *continuidade linguística*. (Melo, 1981, p. 65).

Um dos temas mais preciosos dos estudos românicos é, sem sombra de dúvidas, a história das línguas. Desde a Linguística Histórico-Comparativa entre os séculos XVIII e XIX, a busca pela história da origem dos idiomas sempre despertou interesse de pesquisadores. Dentro desse quadro, destacamos que, ainda hoje, há um interesse evidente não só para lusófonos por se debruçar sobre a origem do português.

Em sua clássica obra *Iniciação à filologia e a linguística portuguesa*, Gladstone Chaves de Melo (1981) dedica um capítulo especialmente para tratar da “formação das línguas românicas”, com destaque para a língua portuguesa, defende, em verdade, que nosso idioma é uma continuidade da língua dos antigos romanos. Em ocasião anterior, Souza (2021) teve a oportunidade de problematizar as diferentes abordagens da origem (ou origens) do idioma lusitano. Aqui, neste momento, cabe frisar nossa posição: o português é uma língua românica, constituída do romance que se formou na região noroeste da Península Ibérica.

A presente obra, por seu valor documental, histórico, linguístico e, principalmente, filológico, integra um dos primeiros resultados do estágio pós-doutoral, cujo título é **Um estudo da constituição da noção de língua(gem) portuguesa a partir de João de Barros e Pero de Magalhães de Cândavo, sob o prisma da Historiografia da Linguística e da Teoria Dialógica**, realizado sob a supervisão do prof. Dr. Francisco de Freitas Leite, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Regional do Cariri (PPGL/URCA).

A “história” da língua portuguesa tem um passado longínquo, para compreendê-lo em sua amplitude, devemos nos voltar para ele

com um olhar atento. Muitos estudiosos se debruçaram sobre esse tema, com destaque para Serafim da Silva Neto (1970), em sua monumental *História da língua portuguesa*; Ismael Coutinho (1976), em *Pontos de gramática histórica*; Marcos Bagno (2020), na *Gramática pedagógica da língua portuguesa*; Rodolfo Ilari (2018), em *Linguística Românica*; Rodolfo Ilari e Renato Basso (2014), em *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*; Renato Basso e Rodrigo Gonçalves (2014), em *História concisa da língua portuguesa*; Rosa Virgínia Mattos e Silva (2006), em *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*; Paul Teyssier (2014), em sua clássica obra, *História da língua portuguesa*, mais recentemente, tivemos duas importantes publicações sobre o tema: *Gramática histórica do português europeu*, de Esperança Cardeira (2021) e *História do português*, de Carlos A. Faraco (2019), entre outros.

Todos esses autores, a seu modo, formularam hipóteses sobre a origem do português, quer tratando dos fenômenos internos (linguísticos), quer sobre os fatos históricos (extralinguísticos), sob variados enfoques teóricos.

Soma-se a essa breve lista o filólogo português José Leite de Vasconcellos (1858-1941)<sup>1</sup>, como sendo um dos pilares para o estudo da história do idioma português, em um artigo seminal no final do século XIX.

Leite de Vasconcellos (também grafado Vasconcelos), foi um médico, etnógrafo, arqueólogo, filólogo, museólogo e professor universitário, nascido em Ucanha (concelho de Tarouca, Portugal), em 7 de julho de 1858, vindo a falecer em Lisboa, em 17 de maio de 1941. Ele é considerado o fundador dos estudos dialetológicos em Portugal, tendo se dedicado ao exame do mirandês, português e outras línguas e dialetos originários do latim vulgar. Entre os muitos trabalhos publicados do autor, para a presente publicação, resgatamos um artigo intitulado “História da Língua Portuguesa”<sup>2</sup>, escrito em 17 de

---

<sup>1</sup> Informações biográficas disponíveis em:

MARIOTTO, Elisabeta. José Leite de Vasconcelos. In: **Camões - Instituto da Coperação e da Língua**. Disponível em: <https://www.instituto-camoes.pt/atividade/centro-virtual/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/jose-leite-de-vasconcelos>. Acesso em: 10 jun. 2024.

Museu Nacional de Arqueologia. **O fundador**. Disponível em: <https://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=301>. Acesso em: 10 jun. 2024.

<sup>2</sup> VASCONCELLOS, José Leite. História da Língua Portuguesa. **Revista Lusitana**: arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, redigido por José

janeiro de 1923 na *Revista Lusitana: arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal*.

Ressaltamos, ainda, algumas considerações acerca do labor filológico aqui empreendido. Para a transcrição do texto originalmente escrito em 1923, optamos por seguir a recomendação dos postulados de referências clássicos, tais como: Cambraia (1999, 2005), Berwanger e Leal (2008), Cambraia *et al.* (2001) e Spina (1977), que estabelecem as normativas para o trabalho filológico de restauração e conservação de obras antigas.

Trata-se de edição conservadora (na maior parte da escrita), portanto, a grafia foi mantida em citações originais, quando esta não interferia na compreensão; adaptamos a grafia ao português brasileiro; os termos latinos foram mantidos inalterados; as abreviaturas foram mantidas igualmente; certos acentos foram corrigidos para seguir a ortografia vigente; a pontuação original foi preservada, conforme salienta Cambraia *et al.* (2001). Notas de rodapé informativas foram inseridas ao longo do texto. E, por fim, mantivemos as mesmas notas do autor ao final do texto.

Nosso trabalho de resgate filológico se centra na confecção de um e-book com uma edição paleográfica, modernizada e comentada do artigo, pois acreditamos que a nova edição poderá ter utilidade direta para o estudo da origem da língua portuguesa, sob o amparo da Filologia Românica e Portuguesa. Além disso, o exemplar fac-símile selecionado da Biblioteca Nacional Digital (Biblioteca Nacional de Portugal) apresenta certos problemas para a correta leitura para o estudante menos acostumado com o exame de edições antigas, que demandam técnicas de leituras apuradas.

Um dos detalhes relevantes da nova edição é a modernização da escrita, que visou uniformização do texto, revisão de grafia, bem como apresentação, em notas, de comentários complementares ao estudo de Leite de Vasconcellos.

*Adílio Junior de Souza*  
*Francisco de Freitas Leite*  
Universidade Regional do Cariri  
Crato, 30 de agosto de 2024

---

Leite de Vasconcellos, Lisboa, vol. XXV, n.1-4, p. 5-28, 1923/1925. Disponível em: <https://purl.pt/198>. Acesso em: 27 mar. 2024.



# História da Língua Portuguesa

José Leite de Vasconcellos

## REVISTA LUSITANA

---

VOL. XXV

1923 a 1925

N.º 1-4

---

### HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

#### ORIGEM E VIDA EXTERNA

#### SUMÁRIO:

##### Palavras prévias.

I. Civilização da Península Ibérica em geral, e da Lusitânia em particular.

II. Romanização. — Implantação do latim na Península Ibérica: testemunho epigráfico; um texto de Estrabão. — Cultura literária da Lusitânia. — Latim literário, e latim popular em geral. — Latim popular da Ibéria, e da Lusitânia em especial.



NICIADA a conquista da Península Ibérica pelos romanos no século III a.C., e dominada esta pelos mesmos até o século V d.C., implantaram nela o latim, que depois se transformou em vários idiomas, entre os quais um, que de modo geral e teórico chamaremos *gallaico-portugalense*, e se fala ao Sul e ao Norte do rio Minho: ou *português*, como forma principal, na margem esquerda, e *galego*, na margem direita.

Eis aqui um postulado que se torna necessário admitir desde já. Assim pensaram os nossos antigos filólogos. Falando da gramática latina, diz Barros<sup>3</sup>: *cujos filhos nós somos (1)*; e referindo-se aos Galegos, diz Duarte Nunes<sup>4</sup>: *cuja lingoa e a nossa era toda quase hũa (2)*. E tem sido essa, com exceção dos celtómanos dos séculos XVIII-XIX, e de um ou outro indivíduo insulado, a opinião dominante entre nós até hoje, não só em gramáticos ou filólogos, mas em historiadores, etc. A demonstração cabal, porém, de que o português (com o galego) é mera evolução ou continuação do latim (vida interna da nossa língua) poderá somente dar-se comparando-se entre si as duas gramáticas. Por agora vamos considerar as circunstâncias históricas que explicam a produção d'esse fenômeno glotológico, e estudar a vida externa da língua portuguesa: constituição do seu léxico, uso que se tem feito d'ela no trato quotidiano e como órgão de literatura, suas relações com a civilização e com o ambiente social, sua expansão no mundo. Ao galego far-se-ão aqui e além algumas referências, pois a

---

<sup>3</sup> Na *Gramática da Língua Portuguesa*, João de Barros (1540, p. 2, B) diz: "Nam segũdo conuẽ a órdẽ da Grãmatica especulatiua, mas como requiere a preceitiua: usando dos termos da Grãmatica Latina, cuios filhos nós somos, por nam degenerar della". Por se tratar de uma citação direta tanto no texto de Vasconcellos quanto aqui, optamos por mater a grafia original do texto. Ressaltamos, contudo, que Vasconcellos indica a página 73, em nota de fim de texto, mas isso não condiz com a paginação correta da gramática.

<sup>4</sup> O trecho completo da *Origem da lingoa portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão (1606, p. 132), diz: "Os diphongos são estes ão êe ij õo ùu. que temos comũs cõ os Gallegos, cuja lingoa & a nossa era toda quasi hũa".

vida externa e interna d'este dialeto ou codialeto tem de estudar-se separadamente.

O que aconteceu no Ocidente da Ibéria, aconteceu semelhantemente em grande parte do resto da România (3), onde o latim se transformou nestas línguas: espanhol, francês, provençal, sardo, italiano, reto-românico, dalmático (hoje extinto) e romeno (4). Ao conjunto das línguas provindas do latim dá-se o nome de *romanço*<sup>5</sup>, *romance*, ou *românico*. Tais línguas chamam-se genericamente *românicas*, *romances*, *novi-* ou *neolatinas*; as expressões mais usadas são a primeira e a última (5). Idioma românico da Península Ibérica é também o catalão, que está muito aparentado com o provençal. Deixo de lado vários falares de restrita importância.

Voltando ao nosso caso, convém, antes de tudo, dizer alguma coisa da civilização que os Romanos encontraram na Ibéria quando cá chegaram, e principalmente da que se lhes deparou na Lusitânia, — região em que está incluído quase todo o território que ao presente se denomina PORTUGAL (6). Depois se falará da romanização.

## I

A Península Ibérica ou Hispânica<sup>6</sup> (7) é habitada desde os mais remotos tempos pré-históricos (período da pedra lascada ou período paleolítico), embora dos primitivos habitantes não saibamos o nome (ou nomes), e só os conheçamos pelos restos da sua civilização, conservados *in loco*, e em museus. Descabido seria aqui discutir o problema das origens das populações da Península; basta observar que esta, por causa da vizinhança do mar, das suas grandes riquezas naturais, e do seu clima benigno, atraiu em todos os tempos povos de diversas procedências, que vieram ou como colonizadores, ou como conquistadores (8). Na aurora dos tempos históricos os habitantes da Península aparecem-nos mencionados nos autores clássicos como *Iberos* ou *Hispanos* (vid. nota 7). O seu território invadiram-no na

---

<sup>5</sup> Compreendemos o *romance* como o conjunto dos falares originários do latim vulgar que se desenvolveram na Península Ibérica e demais regiões conquistadas pelo Império Romano.

<sup>6</sup> Preferimos manter o uso do termo *Hispânico*, historicamente situado tanto no estudo de Vasconcellos quanto nos estudos de Filologia, do que o termo moderno "Hispano".

antiguidade, em diversas épocas, Fenícios, Lígures, Gregos, Celtas, Africanos, e por fim Romanos.

Quem diz *Iberos*, diz *Lusitanos*, e quem diz *Península Ibérica*, diz *Lusitânia*. Quando os Romanos entraram na Ibéria (séc. III a. C.), havia no território lusitânico muitas tribos, conhecidas da literatura greco-romana e das inscrições latinas por nomes tais como: *Cunei*, no Algarve; *Turdetani*, no Algarve e Alentejo (este povo dilatava-se pela Andaluzia); *Celtici* entre Guadiana e Tejo; *Turduli veteres*, entre Tejo e Douro; *Transcudani* e *Igaeditani*, na mesma região, para o Nascente; *Paesuri* ou *Paesures*, *Aravi* e *Colarni*, ao Sul do Douro; *Callaeci* e outros *Celtici*, do Douro para o extremo Norte da Galiza. Entre os últimos distinguem-se os *Grovii*. Na região bracarense demoravam os *Bracari*; por Trás-os-Montes os *Zoelae*. Ao Norte do Minho, fora pois do território português, viviam os *Coelerni*, os *Cileni*, os *Tamarci*, os *Neri*, os *Arrotrebae*. Havia ainda outras tribos cuja menção por brevidade se omite; além d'isso nem de todas as que deviam existir chegou notícia até nós.

O que sabemos da civilização da Lusitânia é-nos revelado por autores antigos e pela Arqueologia. Ela não era uniforme: umas tribos parecem-nos mais civilizadas do que outras. As das regiões montanhas, que são sobretudo o Minho, Trás-os-Montes e a Beira, habitavam em montes muralhados, onde as casas, agrupadas em bairros, eram por vezes redondas, como na Galia, no Norte de África, e noutras regiões antigas, e com as ombreiras graciosamente esculpturadas; mas as coberturas eram de colmo ou de pedra. Um monte d'esta espécie chamou-se na língua dos Celtas da Lusitânia *briga*, como se deduz de textos de Plínio e Ptolemeu. Com este vocábulo concorria, com análoga significação, *\*dunon*, latinizado em *dunum*. Algumas gentes do extremo Norte (*Callaeci*, etc.) tinham costumes muito primitivos: dormiam no chão duro, fabricavam pão de landes torradas, e comiam em loiça de pau.

Com esta barbárie contrasta a relativa civilização do Sul (Turdetanos), em que se fazia uso de escritas, como consta de Estrabão<sup>7</sup>, e de espécimes lapidários conservados no Museu Etnológico, e noutros. De enfeite do corpo serviam, tanto no Norte, como no Centro e no Sul, braceletes e diademas de ouro, e fíbulas de

---

<sup>7</sup> Estrabão (64-21 d.C.) foi um dos mais importantes historiadores e geógrafos gregos. Outras informações, vide: LASSERRE, François. **Strabo**: greek geographer and historian. In: Encyclopædia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Strabo>. Acesso em: 31 ago. 2024.

bronze e de prata, e bem assim colares de contas de vidro lisas ou oculadas. Os guerreiros, no Norte, traziam escudo redondo, e espada curta ou punhal. Na mesa dos ricos, à hora das refeições, ou nas cerimônias culturais não faltava vasilhame de argila artístico, pintado ou gravado, e também de prata.

Na religião mais antiga descobrem-se elementos de caráter naturalístico, o que igualmente acontece noutras partes da Ibéria: veneração de ágoas, montes, etc., em que se reconhecem espíritos que depois se elevaram à categoria de deuses e deusas locais (rudimentares), com os nomes de *Mirobieus*, *Nabia*, *Endovellicus*, *Ataegina*...

Praticava-se muito a agricultura: enquanto os homens andavam na guerra, à caça, ou à pesca, as mulheres trabalhavam pacificamente o campo, que produzia cevada, trigo, vinho. A par com a agricultura exerciam os Lusitanos o pastoreio, e tanto, que um dos seus heróis mais notáveis foi Viriato<sup>8</sup>, pastor ou senhor de gados, e em atos de culto religioso sacrificavam um bode a um deus marcial.

Da língua ou línguas dos Lusitanos nos dá amostras (além do que fica mencionado), a Epigrafia, em nomes de pessoas, como: *Amminus*, *Arquius*, *Camala*, *Coronerus*, *Lovesus*, *Medamus*, *Tongius*, e a Geografia, em nomes de povoações e rios, como: *Abelterium*, *Aeminium*, *Balsa*, *Bracara*, *Caladunum*, *Cales*, *Conímbriga*, *Collipo*, *Equábona*, *Longóbriga*, *Miróbriga*, *Munda*, *Myrtilis*, *Ossónoba*, *Talábriga*, *Vácu*a. O vocabulário usual continha, em comum com o resto da Ibéria, por exemplo (de várias origens): *arrúgia*, *baça*, *barca*, *cantus*, ou *canthus*, *córrugus*, *cuniculus*, *lancea*, *láusia*, *páramus*, *sarna*. Os nomes próprios indígenas apresentam às vezes em inscrições mais de uma forma como: a) *Endovellicus*, já citado, que tem as variantes *Endovellicus*, *Endovollicus*, *Endovolicus*, *Enobolicus*, *Indovellicus*; b) *Lovesus*, a par de *Lobessa* e de *Lobesa*.

Pelo que toca à organização social, já vimos que os Lusitanos estavam distribuídos em tribos. Cada uma tinha verossimilmente seu régulo, e todas eram muito valentes e aguerridas (<sup>9</sup>).

---

<sup>8</sup> Viriato (180-140 a.C.) foi um importante líder lusitano, responsável pela resistência de sua nação ao jugo romano no século II a.C. Outras informações, vide: DYCK, Ludwing Heinrich. **Viriato**. In: World History Encyclopedia. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-15855/viriato/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

Referindo-se quer à Lusitânia, quer à restante Península, onde havia tribos semelhantes às d'ali, diz Herculano<sup>9</sup> em seu estilo majestoso: “Ajudada pela superioridade da sciencia militar, a superioridade da civilização romana devia ter ação imensa nessas sociedades imperfeitíssimas dos indígenas, aos quais faltava o vínculo da unidade nacional, e que, misturados com as raças fenícia, grega, cartaginesa, tinham tomado costumes, *vocábulos* e ideias de cada um d'estes povos, sem que esses elementos adventícios tivessem tempo suficiente para se incorporarem no elemento céltico e formar com ele um todo compacto e homogêneo, capaz de resistir à influência civilizadora de Roma”. (<sup>10</sup>) Consoante mostra a Arqueologia, as sociedades ibéricas, apesar de imperfeitas, não o seriam tanto como Herculano supõe; o que havia, sim (por natureza), era falta de unidade, e isso já Estrabão o notara (<sup>11</sup>).

## II

Se os Romanos chegaram à Ibéria, como se disse acima, no séc. III a. C., isto é, em 218, o seu contato com os Lusitanos, segundo as memórias escritas, data só de 193. A conquista da Lusitânia começou do Sul para o Norte. A luta entre os dois povos foi tenaz, e a resistência dos Lusitanos heroica. Vários períodos podem estabelecer-se na história da conquista.

Em 189 a. C. os Cuneos estavam já submetidos aos Romanos. De 147 a 139, traça Viriato com a folha da sua espada uma das páginas mais brilhantes dos anais da antiguidade: a valentia que mostrou em resistir aos Romanos só pôde ser vencida por traição. D'ele canta o nosso Poeta:

.. de homem forte os feitos teve,  
Cuja fama ninguém virá que dome,  
Pois a grande de Roma não se atreve (<sup>12</sup>).

Décimo Junio Bruto<sup>10</sup> avassalou os “castros” ou *brigae* do Minho e da Galiza, de 138 a 84 a.C. Os Lusitanos, vendo-se sucessivamente

---

<sup>9</sup> Como procedemos anteriormente, aqui também manteremos a citação como no original.

<sup>10</sup> Décimo Junio Bruto, o Galaico, foi um cônsul romano em 138 a.C. na Hispania Romana, originário da família dos *Junii Bruti*. Outras informações, vide: GOMES, João Pedro Barreto. **À conquista da Hispânia**: análise histórico-arqueológica da

dominados pelos Romanos, voltaram-se para Sertório, na esperança de obterem alguma libertação: a guerra sertoriana contra Roma durou de 89 a 72. Sertório prestou serviços à civilização peninsular; todavia eles manifestaram-se apenas na parte espanhola da Ibéria, pois o que se conta da ação de Sertório em Évora não passa de pura fábula. Do ano de 61 ao de 25, César<sup>11</sup> e Augusto<sup>12</sup> terminaram a conquista: Augusto estabeleceu na Península uma colônia para recompensa dos reformados ou *emeriti*, pelo que esta se chamou *Emerita Augusta*, a que hoje corresponde Mérida, na Espanha.

Com a conquista romana afluíram à Ibéria, e entende-se, à Lusitânia, novas gentes, não só de Itália, senão das mais desvairadas terras: Germanos, Bizantinos, Capadócijs (segundo uma emenda epigráfica de Hübner). Nessa época aparecem-nos testemunhados na Península, pela primeira vez, os Judeus, que, como é sabido, tanta influência exerceram na constituição étnica e na história social e econômica de Portugueses e Espanhois.

Os Romanos, ao mesmo tempo que conquistavam, iam administrando o território, implantando nele a sua civilização, para o que fizeram da Península várias divisões, a mais importante das quais se efetuou nos primeiros tempos do império, em três províncias: Tarraconense, Bética, e Lusitânia, a primeira e a última administradas pelo imperador, a Bética pelo senado. Cada província subdividia-se em circunscrições chamadas *conventus*. À Lusitânia correspondiam três emeritense com sede em Emerita (Mérida); pacense, com sede em Pax Julia (Beja); escalabitano, com sede em Scalabis ou Scallabis (Santarém). Na Tarraconense contavam-se sete, um d'eles, o bracaraugustano, com sede em Bracara Augusta (Braga). Na Bética havia quatro: ao hispalense pertencia a nossa região de além Guadiana.

---

campanha de Décimo Júnio Bruto, o Galaico. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.

<sup>11</sup> Júlio César (100-44 a.C.) foi um estadista e general romano, responsável por mudanças significativas na estrutura política de Roma. Foi morto em 44 a.C. Vide: TOYNBEE, Arnold Joseph. **Julius Caesar**. In: Encyclopaedia Britannica. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Augustus-Roman-emperor>. Acesso em: 31 ago. 2024.

<sup>12</sup> Augusto César (63 a.C. – 14 d.C.) foi o primeiro imperador de Roma, responsável por um período de paz e prosperidade tanto em Roma quanto nas províncias. Vide: GRANT, Michael. **Augustus**. In: Encyclopaedia Britannica. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Augustus-Roman-emperor>. Acesso em: 31 ago. 2024.

As povoações importantes (municípios, colônias) tinham administração própria: *ordo decurionum*, *aediles*, *praetores*. Havia na Lusitânia povoações de origem indígena; as já em parte citadas acima, *Myrtilis*, etc., que realmente conhecemos por documentos da época romana; havia outras, que, pelo menos quanto aos nomes, datavam d'esta época, por exemplo: *Aquae Flaviae*, *Pax* ou *Pax Julia*, *Salacia*; ou que, embora provindas de tempos pré-romanos, tiveram então certo brilho, pois receberam epítetos honoríficos latinos, por exemplo: *Ebora Liberalitas Julia*, *Olisipo Felicitas Augusta*. Várias povoações cunharam moeda sua, como as já mencionadas *Ebora*, *Myrtilis*, *Pax Julia*, *Salacia*. Além d'isso todo o território se cobriu de quintas ou *villae*, mais ou menos ricas, e atravessavam-no muitas estradas militares ou *viae*, cuidadosamente construídas. Tanto das *viae* como das povoações (*oppida*, *urbes*, *vici*), e das *villae* restam ainda muitos vestígios.

Sob o domínio do povo-rei certas indústrias que datavam de épocas antigas floresceram muito, como a das minas, a olaria, a ferraria, e indústrias domésticas. As casas, que eram d'antes colmadas ou lousadas, cobriam-se agora de telhas (*tegulae*, *imbrices*), e pavimentavam-se de mosaicos, como em Tralhariz, Braga, Condeixa, Leiria, Santa Victória do Ameixial, Faro, de alguns dos quais se guardam belas amostras no Museu Etnológico. Ativava-se o comércio de exportação, e importação: exportavam-se, por exemplo, frutas e minérios, importava-se cerâmica e objetos de vidro e de bronze. A língua latina, como vimos das palavras citadas há pouco, derramava-se por toda a parte. Leis especiais, escritas nela, regulamentavam certas empresas, como a *lex metalli Vipascensis* (Aljustrel). Davam-se espetáculos públicos, testemunhados por um teatro em Lisboa e um *circus* em Tavira.

À religião indígena sobrepôs-se a romana: ao lado de divindades de aspecto bárbaro principia a adorar-se longa lista de divindades romanas, de um canto ao outro da Lusitânia, como: *Aesculapius*, *Juppiter*, *Mercurius*, *Minerva*, *Serapis*, *Venus*, que por fim suplantam as outras, e ficam, por assim dizer, senhoras do campo. No entanto o coração nunca se aquieta, nem o dos homens, nem o dos povos. Crenças que há pouco eram vencedoras, são para logo abaladas e vencidas: com o paganismo, após quatro ou cinco séculos de

existência, concorre na Hispania romana<sup>13</sup> o cristianismo, do qual há provas na Lusitânia desde o séc. II (<sup>13</sup>).

Insistamos agora no elemento civilizador que para o nosso intuito mais significa: a propagação da língua dos Romanos na Península. Que a propagação foi muito lata o mostra imediatamente o grande número de inscrições latinas d'esse tempo, encontradas a esmo por quase toda a Ibéria, e gravadas em pedra, metal, barro cozido, etc. As inscrições hispano-lusitanas conhecidas dos arqueólogos andam por 7.000 ou 7.000 e tantas (<sup>14</sup>). As de Portugal não são menos de 1.100; e só o Museu Etnológico, que existe apenas desde os fins de 1893, possui para cima de 280 (<sup>15</sup>). E há-de entender-se que muitíssimas se perderam, e que outras estão ainda por descobrir. Nas inscrições, que, segundo se vê dos nomes das pessoas que aí figuram, se referem a Romanos (de modo geral), e a indígenas ou Íbero-Romanos, revela-se tudo o que constituía o viver, ainda o mais íntimo, das populações peninsulares: trato familiar e trato social (*pater, mater, filius, filia, avus, avia, avunculus, consobrinus, socer, cognatus, cognata, conlactia, servus, serva, vernaculus, vernacla, domestici, libertus, sodalis, hospes, heres*); declaração de sentimentos de afeto recíproco, e de ventura (*amo te*, num anel; *salve tu*, num vaso de argila; *annum novum faustum felicem mihi hunc!* numa candeia — entende-se que foi mandada fazer para ser estreada no dia 1.º do ano, acaso num santuário); legados ou deixas (*ex testamento*); trajos e enfeites do corpo (*annulus aureus gemma meliore*, de uma inscrição religiosa; *tunica, indusium*); a casa (*domus*), com seus utensílios (*mensa, scamnum*) e seu vasilhame (*amphora, phiala argentea, patera*), às vezes aberta para um jardim (*hortus*); os animais domésticos (*.. qui mulos mulas asinos asinas caballos equas sub praecone vendiderit*, numa tabula aenea da mina de Aljustrel; *scrofa cum porcis triginta*); o celeiro (*horreum* e *horreus*; ctr. *tabernas et posthorreum*); a cidade, com seus *aedificia*, guarnecida de *muri*, e adornada de *arcus*; a praça (*forum*), onde se erguem *statuae* de pessoas benquistas da localidade (*ob merita in coloniam*), ou de deuses (*signum aeneum Martis in foro positum*), e por onde o *patronus* passeia acompanhado de *clientes* submissos; aquedutos (*aguam ducere*), canais (*fistulae*), e pontes; o mercado (*macellum*), rico de comestíveis, que o escravo vai comprar para a sua senhora (*domina*); indústrias de toda a espécie, como o mostram estes nomes de mesteiros: *serrarius, caelator*,

---

<sup>13</sup> Mantivemos aqui o termo latino “*Hispania romana*” por ser situado historicamente nos relatos sobre a península a partir da Filologia Românica.

*marmorarius, fullo; margaritarius, architectus; auriga; navicularius, piscator; musicarius; aquilegus ou vedor; profissões liberais (grammaticus, medicus); banhos (balinea, thermae), muito frequentados e concorridos, com salas de distração e santuários; festas e espetáculos (ludi; circus; theatrum; proscenium et orchestra cum ornamentis; certamen barcarum); banquetes públicos (epulum populo datum), e generosidades de gente rica (sportulae civibus datae); instituições militares (exercitus, legio, cohors, ala, eques, signifer, imaginifer, tribunus militum); todas as relações municipais e sociais: tribos, cargos públicos, governo de cônsules, memórias de imperadores (Publius Cornelius Macro a divo Claudio civitate donatus, quaestor, duumvir; Quintus Antonius Galeria Celer; imperatori Caesari Lucio Domitio Aureliano respublica Ossonobensis dedit dedicavit); respeito das divindades (dii, deae), testemunhado em súplicas e em efusivos agradecimentos (vota animo libenter posita); temor da morte, e saudade deixada pelos que se foram do mundo (sit tibi terra levis! coniugi rarissimae et sanctissimae; servo benemerenti; mater infelicissima; filius suavissimus suis), ideias que são sempre tão tristes, que às vezes se atribui ao morto uma frase, como esta, dirigida ao viandante que lhe passa perto do sepulcro, e arrancada do peito com a dor de quem já não vive, e gostaria ainda de viver: *ave et vale!* (<sup>16</sup>).*

A expressão, em língua latina, de tantas particularidades da vida doméstica e da vida coletiva bem deixa ver, como disse, que essa língua se tornara geral. Com efeito a necessidade de os naturais se entenderem com os conquistadores, imposta pelas múltiplas relações usuais; o periódico ir e vir de comerciantes, que traziam produtos agrários e industriais da Itália, e levavam outros da Ibéria; o funcionamento de escolas, como a de que se dá conta numa inscrição vipascense (séc. II); casamentos; fundação de colônias (*Emerita, Pax Julia, Scallabis*); o desejo, frequente nos Bárbaros (<sup>17</sup>), de se aproximarem da classe de cidadãos romanos (quando as povoações recebiam distinções honoríficas, — vid. supra, — como não as ambicionariam simples indivíduos?); o constante esforço da Igreja para alcançar prosélitos, a quem pregava, e ensinava a rezar em latim: tudo isso fazia que a língua falada em Roma, no Lácio, na Itália, se espalhasse o mais possível em terras ibéricas. Existe a este respeito um precioso texto de Estrabão, pelo qual sabemos que os Turdetanos, principalmente os da margem do rio Betis, hoje Guadalquivir, já no tempo em que escreveu o geógrafo, séc. I da era cristã, estavam de tal modo identificados na civilização romana, que até haviam esquecido

a sua linguagem, substituída, entende-se, pela latina <sup>(18)</sup>. Com exceção das províncias Vascongadas, cujo idioma, o biscainho (vasconço, vasco, ou basco) proveniente, como se crê, de eras remotíssimas, dura ainda agora <sup>(19)</sup>, podemos supor que a mesma substituição se iniciaria cedo na restante Península, ainda que não levada a cabo de uma vez, pois até o primeiro quartel, ou primeira metade, do séc. II, aparecem vagas notícias de outros falares nacionais <sup>(20)</sup>. Para a pronta romanização dos Turdetanos contribuiu sem dúvida o estado de civilização em que eles viviam, e a que há pouco se aludiu. Quando um povo pretende<sup>14</sup> conquistar outro, a civilização d'este influi muitas vezes no modo da conquista, ora facilitando-a, como aqui, ora retardando-a ou repelindo-a <sup>(21)</sup>.

Visto que a Lusitânia é a região que sobretudo nos importa, — *abiere tandem in Romanorum mores Lusitani, et civilitatem linguamque Latinam, sicut et Turdetani, acceperere* <sup>(22)</sup>, — vai aqui transcrever-se na íntegra uma inscrição latina de Portugal (*carmen epigrafico*), que, apesar de breve, serve de complemento ao que fica exposto, e de exemplificação mais concreta de como ao afastado Ocidente da Europa chegou um eco de cultura literária. Esta inscrição, que está em uma lápide encontrada em Idanha-a-Velha, ora existente no Museu Etnológico Português, constitui o epitáfio de um /gaeditanus, e diz:

*Pubescens ego nec veritus miserabile funus*

ANCEITVS CELTI:

*Fata tulei brevia: heic situs: heic cineres este quietei!* <sup>(23)</sup>

Dos progressos da instrução geral promovidos pelo derramamento do latim resultou que a Ibéria honrasse a literatura romana com muitos nomes ilustres; entre nós mesmos, segundo todas as probabilidades, nasceu ou viveu um na Lusitânia, de nome *Cornelius Bocchus*<sup>15</sup>, que se ocupou de história natural: não obstante

---

<sup>14</sup> No original constava “pertende”. Trata-se de uso comum à época, mas caiu em desuso atualmente.

<sup>15</sup> Lucius Cornelius Bocchus (1-60 d. C.) foi um erudito e historiador de origem romana, que nasceu na Lusitânia no tempo do Império Romano, sob o domínio de Augusto. Mais informações: Museu Nacional de Arqueologia. **Exposição ” LUCIUS**

haverem-se perdido os seus escritos, conserva-se menção d'eles, ou trechos, em obras de autores antigos, Plínio, por exemplo <sup>(24)</sup>.

Em todas as nações, porém, onde se cultivam as letras, usa sempre o povo, e com ele, em certas circunstâncias, as classes cultas, ou um idioma pátrio, que nada tem com o oficial, ou uma forma especial d'este, ou enfim um dialeto. Assim, ao lado do alemão, língua oficial do antigo império da Áustria, falam os Boêmios o txeque (cheque); ao lado do ático, ou grego propriamente dito, falavam outr'ora os Helenos, entre vários dialetos, o eólico, em que poetou Safo; ao lado do inglês dos *lords* usam os Cockneys expressões que são tidas por menos apuradas. Em Roma também no convívio familiar das pessoas cultas entre si ou com o povo urbano e suburbano, e na linguagem d'este, havia vocábulos, expressos, formas verbais, maneiras de pronunciar, que nem sempre eram exatamente o latim dos escritores, mas que em parte continuavam, com especiais modificações, o latim arcaico, do tempo em que não havia ainda literatura, pois só o aparecimento ou desenvolvimento d'esta fez que o primitivo falar do Lácio se cindisse sucessivamente em língua literária (ou escrita) e língua popular <sup>(25)</sup>, isto é, se definissem duas formas de uma mesma língua (e não duas línguas diversas, Ou opostas uma à outra), formas que, como era natural, estiveram sempre mais ou menos em contato entre si, exercendo ação recíproca. À forma popular, que era a única realmente viva, chamaram os próprios Romanos: *sermo cottidianus, pedestris, plebeius, proletarius, rusticus, vulgaris* <sup>(26)</sup>. Os filólogos modernos costumam dizer "latim vulgar" ou "latim popular", e eles se têm empenhado em descortinar nas escassas fontes, em que esse latim se revela, quais os seus caracteres, e qual a influência que recebeu das várias línguas e civilizações com que na vasta extensão do *orbis Romanus* esteve em relação, desde o comêço da conquista <sup>(27)</sup>. O latim vulgar da Ibéria, tal como o conhecemos pelas inscrições que nos ficaram do passado, nas quais os canteiros ou os gravadores deixaram marcados, ao lavrá-las, apreciáveis descuidos de linguagem, ou transcreveram vocábulos de cunho local, foi estudado sapientemente por A. Carnoy em *Le latin d'Espagne* <sup>(28)</sup>, onde se ocupa sobretudo da fonologia, morfologia e vocabulário. Para este estudo serviu-se do vol. II do *Corpus inscriptionum Latinarum* de E. Hübner, e seu Suplemento e Aditamentos <sup>(29)</sup>, e bem assim de

---

CORNELIUS BOCCHUS - Um Lusitano Universal". Disponível em: <https://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=7442>. Acesso em: 13 jun. 2024.

artigos publicados em jornais de Espanha, Portugal e França <sup>(30)</sup>. No Suplemento do *Corpus* o epigrafista alemão indicara os principais fenômenos gramaticais; Carnoy ampliou e metodizou. A sintaxe serviu de objeto a outro bom trabalho: *Notes on the syntax of the Latin inscriptions found in Spain* por H. Martin <sup>(31)</sup>, o qual depois escreveu um artigo, II — *Spanish inscriptions (Additional Comment)*, em que estudou alguns fenômenos de morfologia e de semântica <sup>(32)</sup>. Tanto este autor como Carnoy mencionam abusivamente nos títulos apenas a Espanha, mas também falam de Portugal.

Não encontram os filólogos no latim peninsular particularidades grandes que lhe dêem lugar muito visível no conjunto do *sermo cottidianus* da România: raramente aí surge um fenômeno a que não se descubram paralelos noutras regiões (os próprios Carnoy e Martin tiveram o cuidado de os indicar): o que pode observar-se é a maior frequência de um ou outro fenômeno, ou uma exemplificação mais especial. Mas, em suma, para se avaliarem algumas das feições da língua que falaram os nossos antepassados da época romana, língua que, em evolução ininterrupta, veio a ramificar-se, transformando-se, de um lado, em espanhol, e do outro, em português, convém que, conforme fizeram os AA. citados, se registre tudo. Pena foi que tão pouca cousa nos legasse a antiguidade! Faltam-nos textos lusitânicos ou hispânicos escritos completamente, ou quase completamente, em vulgar, como os que Stolz incluiu na sua História da língua latina (Göschen), p. 116-125. Os reflexos da língua plebeia aparecem avulsos, como nesta inscrição de Viana do Alentejo: *D(iis) M(anibus) s(acrum). Maria Euprepia, quai Fate concesserunt vivere anis 45 (hic sita est). Benemerenti Modestus coniugi sue posuit.* Nela se nota *quai* por *cui*, *Fate* = *Fatae*, plural de *Fata* (divindade), *sue* = *suae*, *concesserunt vivere* em vez de oração infinitiva ou conjuncional, construções mais usuais <sup>(33)</sup>. Os pedreiros ou inscultores, quando lavravam uma inscrição, não pretendiam<sup>16</sup> escrever latim rústico, pretendiam escrever latim literário, segundo os modelos que os verdadeiros autores das inscrições lhes davam, ou segundo formulários que havia (\*\*): os vulgarismos gramaticais do seu falar natural escapavam-lhes por falta de atenção ou por ignorância; só os vocábulos dialetais ou de acepção dialetal eram introduzidos de propósito. Às vezes os vulgarismos provinham dos redatores dos

---

<sup>16</sup> No original constavam duas vezes “pertendiam”. Trata-se, aqui também, do mesmo verbo de nota anterior.

textos. Por estas razões, e também porque já não existem todos os letrados que na época romana se fizeram, e os que existem estão cheios de fórmulas estereotipadas, ou pelo geral são pouco extensos, não conhecemos inteiramente o latim vulgar. O que digo, se se aplica em particular à Hispânia<sup>17</sup>, ou à Lusitânia, de que estou falando, aplica-se de modo semelhante às outras províncias romanas onde o latim foi língua viva.

Sem ter de estudar aqui desenvolvidamente o latim vulgar que se falou na Hispânia, vou contudo dar sumária ideia d'ele, exemplificando meia dúzia de fenômenos respeitantes à Lusitânia portuguesa (quem desejar desenvolvimentos leia os precitados trabalhos de Carnoy e Martin). — Os números que indico adiante das palavras latinas são os dos §§<sup>18</sup> do vol. II do *Corpus*.

Começarei pela fonética

O adjetivo *Ulissiponensis* 124 denota que a cidade que é hoje capital de Portugal, e aparece na maioria dos textos antigos mencionada com o nome de *Olisipo*, se chamou algum tempo *Ulisipo*: cf. *Religiões da Lusitânia*, II, 30.

Em *munimentum* 149 e 266, duas vezes (por *monumentum* ou *monimentum*), que aparece também fora da Ibéria, teremos influência de *munimentum*, como quer Carnoy, p. 55. D'este plebeísmo dá Georges, *Lex. der lateinischen Wortformen*, exemplos em inscrições de Nápoles.

Em *dómenus* 5552, por *dominus*, e em *scaurea* 5181 = *scoria*, O *i* postônico atenua-se em *e*; em *Indovellecus* (nome de um deus) 6269, por *Endovelicus*, nota-se o mesmo fenômeno, e juntamente mudança de *en-* átono em *in-*. Observa-se síncope de *u* em *vernaclus* 369, e *vernaclam*, nas *Religiões*, II, 132; cf. a forma clássica *vernaculus*. São fenômenos muito gerais.

De duas vogais seguidas, em *cortis Lusitanorum* 5238 a par de *chortis* 403, 432, por *cohortis*, suprimiu-se a átona (Georges cita exemplos de *cors* e *chors* na própria literatura).

Em *Antistia* = Ἀνθεστία numa inscrição de Lisboa do séc. I, que creio inédita, teremos um protótipo de *Umlaut* (que depois veremos na Gramática).

---

<sup>17</sup> Entenda-se, aqui, *Hispania Romana*, não necessariamente a Espanha atual.

<sup>18</sup> Isto é, os parágrafos. Utiliza-se o símbolo "§" para indicar isso.

Ditongos: *e* por *ae* em *Gallecus* e *Galleci* 2551 e 2555 (cf. *aeius* 205 = *eius*), *e* por *oe* em *amena* 5570; *o* por *au* em *Clodius* 50, 51, e *O Arch. Port.*, v, 175 (mas *Clodius* é também forma clássica), e em *Oriclo n-O Arch. Port.*, VII, 246; às avessas *scauria* e *scaurea* 5181 = *scoria*.

O desaparecimento do *h* em *cors* por *chors* ou *cohors*, já citados, deu-se igualmente em *Elvina* 136, *Elvia* 136, *osp[es]* 18: acerca d'este fenômeno fonético vid. *Revista Lusitana*, I, 73, ou os meus *Opusculos*, I, 200-201.

A forma *Primitius* (em *L. Terentius Primitius*) 319 mostra queda de *u* na terminação *-iuus*; queda análoga se observa em *perpetum* 194 (*in perpetum*), e em *iuat* 5186 por *iuuat*; cf. *iuentuti* 45. Aqui *u* representa *uu*. D'estes fenômenos fonético-ortográficos tratou Niedermann, *Phonétique hist. du latin*, Paris (Klincksisck), 1906, p. 86-87.

Em *qua* = *quam* 5185, *statua* = *statuam* 5175, *mense* = *mensem* (vid. *O Arch. Port.*, VII, 246), caiu o *m* final, fenômeno muito vulgar na epigrafia; em *faciendu* = *faciendum* 214, pode o *m* não ter sido gravado por falta de espaço, visto que a palavra está em fim de linha.

Fenômeno notável, que tem já sido discutido por vários filólogos, é o que se observa em *imudavit* 462, numa inscrição achada ao pé de Emerita, referida à deusa *Ataegina*, que também teve culto em terras hoje portuguesas (*Religiões da Lusitânia*, II, 146-161). Se *imudavit* está por *immutavit*, temos aqui simplificação de *m* duplo, e abrandamento de *t* intervocálico. Meyer-Lübke in *Zs. f. rom. Philol.*, XXXV, 244, pensa que em vez de *imudavit* seria *immundavit*, mas o sentido não é de mancha, é de roubo; Jud in *Romania*, XLV, 551-552, acha insólita, já no séc. II, a transformação de *t* em *d*, e sem recusar de todo como base o verbo *mutare*, pergunta se no espírito do autor da inscrição não haveria confusão entre *mutare* e *nudare*, pelo que o gravador poria *imudare* em vez de *innudare*, o que tudo é bastante complicado. A nenhum dos que se têm ocupado da inscrição ocorreu que *Ataegina*, nome da deusa, que, por causa da explicação etimológica (*Religiões*, II, 161), parece primitivo, se encontra algumas vezes com a forma *Adaegina*, onde está paralelamente *d* por *t*.

Exemplos como *adque* 2205 (Galiza) e 2314 (*ibidem*) = *atque*, *aliut* 5181 = *aliud*, *aput* 292 = *apud*, *quot* 144 = *quod* mostram que *t* final soava *d*; não sendo assim, não poderia ter-se confundido *t* com *d*, e *d* com *t*. É também corrente este fenômeno.

NS > s: em adjetivos geográficos, como *Colliponesis* 339, 353 = *Colliponensis*, *Eboresis* 339, *Laquiniesis* (vid. *Religiões*, II, 195), e cf. *Olissiponensis* 214, com *s* representado por *ss*; noutras palavras, como:

*libes* 363 = *libens*, *mes[es]* 5150 = *menses* ou *mensibus*, *impesam* 34 = *impensam*, *mesuram* 5181 (linha 47 da p. 789: Aljustrel) = *mensuram*. Tão antiga era já em Roma a redução de NS a s, que a palavra *consul* se abrevia ordinariamente nas inscrições em COS, isto é, *cosul*.

NN > n: *ano* 20, *Hereniana* 5149 (Galiza).

Vários fenômenos: *quatri(du)um* 21 = *quadriduum*, por influência de *quatuor* ou *quattuor*; *milis* (vid. *Religiões*, II, 229).

Minúcias ortográficas: c por g em *Valabricsensis* 5561, o que é frequente; ss por s em *possit* 2601 (Galiza, cf. *Religiões*, III, 205), por *posit* < > *posuit*; *pleps* 34, 53 (grafia muito usada na epigrafia geral), *opsequentissimus* 391; *scribtum*, por *scriptum*, na 2.<sup>a</sup> tábula de Aljustrel; *conventuus* = *conventus* (*Religiões*, III, 342; e cf. Martin, p. 401); *uxsor* e *vixsit* n-O *Arch. Port.*, VIII, 164 e 171, as quais nada têm especial. Formas arcaicas, ou com ortografia arcaica: *clavom* 5181, Flavos 2502, *Calvos* n-O *Arch. Port.*, XVIII, 1. Aqui pertence *couos* (Varrão), que deu *covo* em português: cf. Mohl, *Chronologie*, p. 24.

## Morfologia

Confusão de declinações: *dibus* M(anibus) na *Revista Archeolog.*, II, 172, e *dibus Successis* nas *Religiões*, II, 311-312, por *diis*, o que não é raro na epigrafia geral: cf. Georges, *Wortform.*, p. 210. Em *ex responso* 6265, e *ex votu* 5136, houve permuta com a 4.<sup>a</sup> declinação (cf. Carnoy, p. 220), ou mais provavelmente queda de *m* em *ex responsum*, e *ex volum*, com falso emprego da preposição de ablativo com acusativo (vid. infra).

Mudança de gênero: *hic munumentus* 286 = *hoc monumentum*.

Nos pronomes temos: *mi* (por *mihi*) 59, correntíssimo nos poetas latinos; *ipse* (pronome enfático) 159 por *is*, em *ex testamento ipsius* (cf. Mohl, *Chronologie*, p. 27, e Carnoy, p. 247); *quaei* 89 = *cui* (vid. supra, e cf. Carnoy, p. 245).

Nos verbos, além de *curarunt* 5214, *renovarunt* 2420, com *-arunt*, usual em latim literário, dá-nos a epigrafia *possit*, já citado acima. No texto do juramento dos habitantes de *Aritium Vetus*, do ano 57 da nossa era (*Corpus*, II, 172), lê-se o verbo *faxint*, onde Carnoy, p. 251, vê uma prova de arcaísmo do latim ibérico; mas, como ensina Madvig, *Gram. Lat.*, § 115 (trad. port. do Sr. Epiphânio Dias, p. 105), “na língua clássica manteve-se de *facio* .. o futuro conjuntivo *faxim* nas frases optativas, como presente do conjuntivo: *faxis, faxit, faximus, faxitis, faxint*”. E optativo ó de fato o juramento.

## Formação de palavras

Em *versuculus* 391, o sufixo *-culus*, como já diz Carnoy, p. 69, soldou-se diretamente a *versus*, por este ter o tema em *-u*. Palavras que, quanto sei, só apareceram ainda na Lusitânia são *laciculus* (de *lacus*), e *aedeolum* “ediculo” (de *aedes*): cf. *Lições de Philologia*, p. 14, nota 1. Não próprio da Lusitânia, mas aí bastante usado, é o sufixo gentílico *-icus*, por exemplo, em *Albius Albicus* 99 (cf. Cagnat, *Cours d'Épigraphie lat.*, 3.<sup>a</sup> ed., p. 151, e Carnoy, p. 234). Em *coiug[i]* 110 observa-se redução do prefixo *con-* (*cum*) a *co-*, o que aconteceu noutras províncias romanas (vid. Georges, *Wortformen*, s. v.), e cf. em latim clássico *coicio* = *conicio*. Mostram recomposição *conlato* 34, 53, = *collato*, *conlactia* (vid. *O Arch. Port.*, 1, 253) = *collactea*. Em *maesolium* 214, *misolium* 5144, por *mausoleum*, não podemos ter *i* por *e*, como quer Carnoy, p. 58, porque o *e* de *mausoleum* é longo, mas teremos talvez troca de terminação: *-oleum* por *-olium*, o que julgo confirmado por *mesolum* ou *maesolum*, citado por Georges, *Wortformen*. Tanto a palavra *mausoleum* soava estranha ao ouvido dos povos latinos, que uma glossa (em Georges) apresenta *musoleum*, com o princípio da palavra modificado, segundo parece, por influência de *Musa*.

Segue-se falar de Sintaxe, mas pouco pode respigar-se.

Em *cum Pacatinum* 405, *pro salutem* 177 e 5207 tanto pode ver-se emprego de preposições de ablativo com acusativo, como com ablativo, visto que para o ouvido era indiferente escrever *Pacatinum* ou *Pacatino*, *salute* ou *salutem*. Exemplos da mesma espécie são: *cum quam* n-*O Arch. Port.*, VII, 246 e *ara* posuit nas *Religiões*, II, 342. cf. o que acima se disse do *m* final.

Em *Conimbrica natus* 391 está o ablativo (por locativo), segundo o que acontece com os nomes de cidades da 3.<sup>a</sup> declinação, e às vezes da 2.<sup>a</sup> (cf. Krüger, *Gram. der lat. Sprache*, Hanover, 1842 p. 519, e Draeger, *Hist. Syntax*, Leipzig, 1878, p. 519, que mencionam *Lavinio*, *Arimino*, etc.). Acusativo do plural por nominativo, fenómeno que no romance ibérico depois se tornou normal, temo-lo, se não houve erro do lapicida, em *filias* 38, numa inscrição em que também se lê *marita* = *uxor*. De *concedere vivere* falou-se supra.

## Léxico

O léxico do latim lusitânico, ou melhor, do latim hispânico, era constituído de duas classes de palavras, conforme a proveniência: palavras de origem pré-romana, isto é, pertencentes às línguas locais, e adotadas pelos Romanos; e palavras latinas, ou criadas consoante as normas da gramática latina. O léxico dos Romanos era, por sua vez, formado de palavras de vária origem: latinas propriamente ditas, gregas, etc.), mas d'isso não me pertence aqui falar.

Palavras pré-romanas da língua comum e do onomástico, vimos algumas supra, p. 8, quando me ocupei da civilização dos indígenas. Tanto elas entraram no vocabulário dos Romanos da Ibéria, que só as conhecemos por intermédio de textos epigráficos, ou de citações feitas por autores latinos.

Palavras da segunda classe, isto é, palavras latinas, ou formadas segundo normas latinas, vimos já também algumas no decurso do estudo que estou fazendo do *sermo vulgaris*.

Outras são, por exemplo:

*centuria*, se em certos textos epigráficos oculta sentido geográfico-étnico (cf.: *Religiões* III, 412, nota 1; Hübner, *Corpus*, II, 1064; e Martin in *American Journ. of Philology*, XXXV, 410, artigo já acima mencionado);

*mysticus* (em língua religiosa: *Religiões*, III, 332);

*oppodum* por *oppidum*, num carme epigráfico (fragmento) do aro de *Pax Julia*, gravado numa pedra que hoje está no Museu Etnológico (Georges, *Wortformen*, cita outros exemplos colhidos no *Corpus*, I);

*quadrata*, de sentido especial (*Religiões*, III, 469-472);

*solutorius*, epíteto de *Juppiter* (*ibidem*, p. 226; aparece noutras inscrições da Península).

E as seguintes, de carácter técnico, que se leem nas duas tábulas de Aljustrel, a primeira publicada no *Corpus*, II, 5181, a segunda estudada por R. Cagnat e Cuq (<sup>35</sup>): *occupator*, *ostilis*, *perculae*, *pittaciaris* (*pittaciaria*), *recisamen*, *rutramen*, *scaurarius*, *ternacus* & *ternagus*, algumas d'elas discutidas por Carnoy, p. 257-259. Na tábula 1.<sup>a</sup> de Aljustrel lê-se também: *caballus* = *equus*; *calfacere* (forma sincopada de *calefacere*), vulgar na epigrafia geral; *lausiae*, adjetivo (de *laus*) em concordância com *lapides* (como feminino).

Aos poucos vocábulos, de cunho mais ou menos popular e local que ficam transcritos, adicionarei, por estarem documentadas, duas séries de outros, colhidos em inscrições da Lusitânia portuguesa, os quais, não obstante pertecerem ao latim literário, pertenciam juntamente ao vulgar, o que bem se vê. São vocábulos comuns e nomes próprios. Todos, como em ocasião oportuna se dirá, hão de passar à língua moderna, ou com a mesma significação que tinham, ou com mudança de significação, ou de categoria gramatical.

Série 1.<sup>a</sup>, vocábulos comuns:

a) substantivos: *ager, aqua, cuusa, civitas, decrelum, denarius, forma, hora, inimicus, lux, maritus, mors, mula, mulus, nox, ordo, pars, passus, puteus, salus, sanguis, sedes, sol, somnus, taberna, vena, vicus.*

b) adjetivos, participios e numerais: *beatissimus* (isto é, *beatus*), *bonus, factus, malus, magnus, natus, primus, Romanus, sanctus, secundus, unus.*

c) pronomes: *ego, meus, sua, qui (quae)*, propriamente *quid & quem.*

d) verbos: *cadere, curare, dedit, est (sunt, fuerint), fecit & faciat, lavare, praestare, ponit, vivere.*

e) partículas: *ad, contra, cum, de, et, ex, hic, in, per, pro, si, sub,*

Série 2.<sup>a</sup>, nomes próprios:

a) de pessoas: *Albinus, Amanda* (isto é, *amare*), *Amaranthus, Amoena, Calvinus, Claudius & Clodius, Festa, Flaccinus, Flavius, Flavinus* ou *Flavinus, Januarius, Junius, Laetus, Lares, Laurus, Lupus, Marinus, Martialis, Maurinus, Paternus, Primus & Prima, Priscus, Quintus & Quinta, Rectus, Saturninus, Severus, Sextus, Temporanus, Tertius, Valerius & Valeria, Valerianus.*

b) de divindades: *Diana, Fatae* (isto é, *Fata*), *Fontanus & Fontana, Tutela.*

No que fica coligido até aqui descobre-se pouco, como já disse, que seja propriamente lusitano: quase nada! Apenas um ou outro vocábulo (*aedeolum*), um ou outro testemunho local de fenômenos muito espalhados (*Endovellecus*, com *e* postônico por *i*)!

Contudo entendi que devia juntar o que juntei, pois de alguns d'esses e congêneres protótipos da nossa fala partirei quando estudar a gramática histórica. É claro que, como eles não bastam, hei-de recorrer muitas vezes para tal estudo, não só ao latim do resto da Península, senão também ao do resto da România. Mencionarei, sempre que possa, o latim vulgar: d'ele, como organismo vivo, e não do latim literário, mais ou menos estereotipado, foi que se desenvolveram fundamentalmente as línguas românicas, embora nem todo o *sermo rusticus* se conservasse, isto é, se transformasse em romanche. Grande parte deixou de existir ainda na época romana. Por outro lado, como não existem documentos ou textos onde o latim, que oralmente se conservou, apareça por inteiro, precisamos, para o conhecer, de comparar aquelas línguas entre si, ou com o próprio latim literário: da comparação deduzem-se leis que permitem restaurar de modo teórico certos vocábulos ou formas.

## NOTAS

(<sup>1</sup>) *Grammatica da língua portug.*, ed. de 1785 (de que sempre me servirei) p. 73. — A 1.<sup>a</sup> é de 1540.

(<sup>2</sup>) *Origem da língua portug.*, Lisboa 1606 (1.<sup>a</sup> ed.), fls. 132.

(<sup>3</sup>) Da palavra *Romania*, no sentido de *Imperium Romanum, orbis Romanus*, “monde romain”, “civilisation romaine”, tratou G. Paris: vid. *Mélanges linguistiques*, Paris, 1905, p. 18 ss. E cf. também: Crescini, *Romania* (opusculo), 1908, e Savj-Lopez, *Le origini neolatine*, Milão (Hoepli) 1920 p. 3 ss.

(<sup>4</sup>) Vid. Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*, 3.<sup>a</sup> ed., 1920, p. 17.

(<sup>5</sup>) Do advérbio *romanice* em *romanice loqui* “falar latim”, “falar românico”, vieram os substantivos: *romance* em português e espanhol, *romanz* em francês antigo, *romans* em provençal. cf. *latim*, substantivo tirado de *latine*, por exemplo, também em *latine loqui*. De *romance* no sentido de “língua românica” temos exemplos em vários textos: “como ... *Senhor seja romance de Dominus*”, isto é, tradução românica de *Dominus*, em Fr. A. Brandão, *Monarchia Lusit.* (séc. XVII), pt. III, liv. XI cap. 19.<sup>o</sup> p. 321. Ao Sr. Pedro de Azevedo devo a seguinte nota, também respeitante ao séc. XVII: “Meu Padre Mestre, *nunquid Saul inter Prophetas?* Poderão dizer os Padres da Escolla nesta ocasião por mim; mas David dá a descarga, com apontar a causa, dizendo: dize-me com quem trata, dir-te hey as manhas que tens; que isto vem a ser em bom *romance*, o seu *cum sancto sanctus eris*”. Carta que escreveu o Dr. Fr. Luis de Sá ao Padre Antonio Vieira: *Cartas d’este*, III, 173. Nas *Prelecções Philosophicas* de S. P. Ferreira, t. I, part. 1.<sup>a</sup>, p. 147, fala-se também de *romance* e *língua romance*. Para *romance*, como substantivo, no sentido de língua provinda do latim, criaram-se dois verbos, *romançar* e *romancear*; de *romançar* tirou-se *romançaço*, de que se fala no texto (cf. D. Carolina Michaëlis, *Estudos sobre o romanceiro*, Madrid, 1907-1908, p. 222, e nota 4); de *romancear* tirou-se *romancio*, que se lê, por exemplo, num texto medieval publicado por G. Pereira

nos *Archivos de hist. da medic. port.*, VI, 169: o qual livro (“hum livro de naturas”) foi tirado de latim em *romancio*. Encontrei também *per romancium et latinum* na capa de um códice alcobacense da Biblioteca Nacional. No Algarve (Sotavento) diz-se ainda hoje *româncio* no sentido de romance tradicional em verso (vid. *Rev. Lusit.*, IV, 327; a p. 336 imprimiu-se por erro, *romancío* em vez de *româncio*). De *româncio* veio na mesma acepção *romãição*, que se usa em Barlavento. O verbo *romancear* lê-se, por exemplo, na *Monarchia Lusitana*, de A. Brandão (já cit.), part. III, liv. X, cap. 19.º, p. 220: “*dom* se deriva da palavra latina *dominus*, a qual romanceando-a nós, mal convertemos na de *senhor*, sendo assim que esta palavra *senhor* é vocábulo também latino, corrupto, que val tanto como *senior*, que quer dizer o mais velho”. O verbo *romançar* não o posso agora documentar em português, mas há em espanhol *rromançar* (antigo) e *romanzar* (moderno), a par de *romancear*. Acerca de *romanço*, e de *romance* (como substantivo e como adjetivo), há outras notícias nas minhas *Lições de Philologia*, p. 14, e nota 2, e nos citados *Estudos* da Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis, *ibidem*.

(<sup>6</sup>) A *Lusitânia pré-romana*, segundo Estrabão, confinava, ao Sul, com o Tejo, e ao Ocidente e Norte com o Oceano. Ao Nascente, em território hoje espanhol, eram indecisos os limites. A *Lusitânia romana* ia do Douro ao mar do Algarve, e estendia-se para o Oriente, na Espanha, um tanto além da atual fronteira portuguesa. Com exceção dos territórios situados na margem esquerda do Guadiana, a que correspondem os atuais concelhos de Mourão, Moura, Barrancos, Serpa, e parte do de Mertola, territórios que na época romana pertenciam à Bética, pode pois aceitar-se, como<sup>19</sup> já disse, que a nação chamada hoje Portugal ficava inclusa na Lusitânia, englobando-se nesta designação tanto a Lusitânia pré-romana, como a romana.

Quadro da Lusitânia:

A. Lusitânia pré-romana:

1. Lusitânia do Sul { Cyneticum (Algarve);  
mesopotâmia de Entre-Tejo-e-Guadiana.

(Foi depois incluída na Lusitânia Romana: vid. infra).

---

<sup>19</sup> No texto estava originalmente escrito “coma”. Certamente trata-se de erro de cópia.

2. Lusitânia estraboniana ou primitiva (do Tejo para o Norte):  
a) de entre Tejo e Douro, onde estão os Lusitanos de Ptolemeu;  
b) *Callaecia*, do Douro para o Norte.

B. *Lusitânia romana*: do mar do Algarve ao Douro, com inclusão do que costumamos chamar *Lusitania espanhola*. (O Norte de Portugal pertencia à Tarraconense; a nossa região de Além-Guadiana pertencia à Bética).

Acerca de tudo isto vid. *Religiões da Lusitânia*, tomo I, p. XXI-XXII; t. II, p. 7 ss.; t. III, p. 631.

Falando da Península Ibérica, considerada em geral, é grande abuso, ou grande erro, cometido por muitos autores, dizer *España*, *Espagne* etc., pois *Hespanha*<sup>20</sup> significa apenas “reino de Hespanha”.

(<sup>7</sup>) Os mais antigos escritores gregos diziam *Iberia*<sup>21</sup>, os mais antigos latinos *Hispania*. cf.: Hübner, *Monum. linguae Ibericae*, p. 232; e Schulten, *Hispania* (com um apêndice de Bosch Gimpera), Barcelona 1920, p. 7-8.

(<sup>8</sup>) Vid.: Bosch Gimpera, *Etnologia prehist. de la Península Ibérica*, Santander, 1922; e Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924.

(<sup>9</sup>) Tratei da etnografia dos Lusitanos nas *Religiões*, II, 49-95, e para lá remeto o leitor. Acerca dos idiomas indígenas vid. em especial Hübner, *Monum. linguae Ibericae*, Berlim, 1893.

(<sup>10</sup>) *Hist. de Portugal*, t. I (5.<sup>a</sup> ed.), p. 21.

(<sup>11</sup>) *Geografia*, III, IV, 5.

(<sup>12</sup>) *Os Lusíadas*, III, 22.

(<sup>13</sup>) Acerca de quanto até aqui tenho dito da conquista e romanização da Lusitânia, vid. *Religiões*, III, 99-192 e 536-539, onde

---

<sup>20</sup> Nesta nota de fim de obra o autor esclarece o uso da forma latinizada ao longo do estudo.

<sup>21</sup> A forma latina não contém acento.

se citam as principais fontes. — A menção de Capadócius baseia-se num texto do *Corpus inscr. Lat.*, II, 224, embora a p. 1141 a palavra *Cappad[ox]* esteja precedida de um asterisco dubitativo (porquê?).

(<sup>14</sup>) Vid. o *Corpus*, II, e o seu Suplemento e Aditamentos. Já depois de publicados estes trabalhos se têm encontrado outras muitas inscrições, tanto em Portugal, como na Espanha. — A respeito dos trabalhos de Hübner vid. *O Arch. Port.*, VI, 51-52.

(<sup>15</sup>) É este o número que mencionei em 1915 na *Hist. do Museu Etnológico*, p. 196; d'então para cá tem entrado outras.

(<sup>16</sup>) Para a organização d'esta lista de palavras e frases servi-me principalmente das inscrições contidas no *Corpus* e seu *Supplementum*.

(<sup>17</sup>) *Bárbaros* neste caso quer dizer: povos não pertencentes à civilização grega ou latina. É a significação que os Romanos deram à palavra.

(<sup>18</sup>) Estrabão, *Geografia*, III, cap. II, § 15.

(<sup>19</sup>) O vasconço fala-se também do lado francês dos Pireneus, em parte do departamento chamado *Basses-Pyrénées*: vid. J. Vinson, *Les Basques et le Pays basque*, Paris, 1882, p. 11.

(<sup>20</sup>) *Religiões*, II, 90.

(<sup>21</sup>) À propagação do latim na Península Ibérica se refere Herculano, *Hist. de Portugal*, t. I (5.<sup>a</sup> ed.), p. 26-27 e 32-36; F. A. Coelho, *A língua portuguesa* (2.<sup>a</sup> ed.), p. 110-113; M. Pidal, *Gramat. hist. españ.*, 4.<sup>a</sup> ed., Madrid, 1918, p. 11 ss.; Diego, *Gramat. hist. castell.*, Burgos, 1914, p. 13-15; J. J. Nunes, *Gramat. hist. portug.*, Lisboa, 1919, p. 1 ss.; e o autor da presente História na *Lições de Philologia* (vid. p. 483).

(<sup>22</sup>) A. de Résende, *De antiquitatibus Lusitaniae*, liv. III (sirvo-me aqui da ed. de Colônia, 1600, p. 168).

(<sup>23</sup>) Foi adquirida para o Museu Etnológico Português pelo seu ex-Conservador Dr. Felix Alves Pereira, e interpreta-se e publica-se

aqui a primeira vez. — Os versos formam dois hexâmetros, estando simetricamente o nome do morto entre eles. Traduzo-os assim: “Eu Angeito, filho de Celto (ou de Celtio = Celcio), ainda na mocidade, quando não receava pois a morte lamentável, tive sorte pouco duradoura, porque já estou aqui sepultado. Cinzas minhas, repousai em paz!”. — Observações ao texto:

*Anceitus*: cf. *Aunia Angeiti f(ilia)* em Cáparra: *Corpus*, II, 833. Falaram-me de outra inscrição romana da Beira-Baixa onde também se lê *Angeitus*, isto é: SILO ANGEITI.

*Celti* tanto pode ser genetivo de *Celtus*, como de *Celtius*, pois ambas estas palavras se encontram na Península: vid. *Monum. linguae Iberic.*, p. 264.

Quanto às palavras da língua comum:

*quietei* = *quieti*: representação do antigo nominativo plural latino em *-ei*: cf. *virei*, *servei* em Sommer, *Hdb. der lateinischen Laut- u. Formenlehre*, Heidebergue, 1902, p. 378.

*heic* = *hic*. Arcaísmo, que aparece em inscrições do *Corpus*. E vid. também Georges, *Lexik. der lat. Wortformen*, s. v. “*hic*”.

*tulei* = *tuli*. Mera representação analógica de *i* por *ei*, sem justificação histórica.

Todos estes arcaísmos ou pseudo-arcaísmos davam à poesia tom solene, d’acordo com a gravidade do assunto.

(<sup>24</sup>) Vid. *O Archeol. Port.*, I, 69-76, e v, 49.

(<sup>25</sup>) Stoltz, *Gesch. der lateinischen Sprache*, Leipzig (Göschen), 1910, p. 78.

(<sup>26</sup>) Vid. Schuchardt, *Vokalismus*, I, 102-103, onde junta outras expressões análogas.

(<sup>27</sup>) Acerca do latim vulgar existem e conheço muitos trabalhos, por exemplo, de Schuchardt, Gröber, Mohl, Meyer-Lübke, Grandgent, etc., alguns dos quais irei citando nesta História; outros mencionei-os nas *Lições de Philologia* no cap. intitulado “Origem e evolução da ling. port.”.

(<sup>28</sup>) Fiz algumas observações a esta obra nas *Lições de Philologia*, p. 14, nota 1.

(<sup>29</sup>) Vid. a nota 14.

(<sup>30</sup>) Por exemplo, no *Bolet. de la Acad. de la Hist.*, no *Archeologo Portug.*, no *Bulletin Hispanique*.

(<sup>31</sup>) *Baltimore*, 1909, opusc. de 5 páginas.

(<sup>32</sup>) Em *The American Journal of Philology*, vol. XXXV (1914), p. 400-420.

(<sup>33</sup>) Vid.: *Relig. da Lusitânia*, III, 312-313; Carnoy, ob. cit., p. 227; Martin, in *Journal* já cit. na nota 32.

(<sup>34</sup>) cf. Cagnat, *Épigr. lat.*, 3.<sup>a</sup> ed., p. 257, nota 3.

(<sup>35</sup>) Cagnat, in *Journal des savants*, 1906, p. 441-443, e depois in *Revue des publications épigraph.*, mesma data, p. 12-14 (separata da *Rev. Archeolog.*, Junho-Dez. de 1906); e *Cuq* in *Mélanges Gérardin*, 1907 (esplendido estudo jurídico). Vid. também Cantarelli in *Bulletino dell'Istituto di Diritto Romano*, ano XVIII, fasc. III-VI.

Lisboa, 17 de janeiro de 1923.

(*Continua*)<sup>22</sup>.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

---

<sup>22</sup> Vasconcellos deu continuidade aos estudos sobre a história da língua portuguesa ainda em outros quatro volumes da *Revista Lusitana*, mas não se deteve mais a história propriamente dita. Vide: Vasconcellos (1934, vol. XXXII, n. 1-4, p. 275-293); Vasconcellos (1935, vol. XXXV, n. 1-4, p. 193-213); Vasconcellos (1939, vol. XXXVII, n. 1-4, p. 7-31); Vasconcellos (1940/1943, vol. XXXVIII, n. 1-4, p. 113-126).

## Referências

BERWANGER, A. R.; LEAL, J. E. F. **Noções de paleografia e diplomática**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

CARDEIRA, Esperança. **Gramática histórica do português europeu**. São Paulo: Parábola, 2021.

CAMBRAIA, C. N. Subsídios para uma proposta de normas de edição de textos antigos para estudos linguísticos. *In*: RODRIGUES, Â. C. S.; ALVES, I. M.; GOLDSTEIN, N. S. (orgs.). **I seminário de filologia e língua portuguesa**. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 13-23.

CAMBRAIA, C. N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMBRAIA, C. N. *et al.* Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil. *In*: MATTOS E SILVA, R. V. (org.). **Para a história do português brasileiro**. vol. II, tomo II: primeiros estudos. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001, p. 553-555.

COUTINHO, Ismael. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2020.

BARROS, João de. **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigi[u], Typographum, 1540. Disponível em: <https://purl.pt/12148> . Acesso em: 10 mar. 2024.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Gonçalves. **História concisa da língua portuguesa**. São Paulo: Vozes, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **História do português**. São Paulo: Parábola, 2019.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Contexto, 2018.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2014.

LEÃO, Duarte Nunes de. **Origem da lingua portuguesa**. Desembargador da Casa da Supplicação, natural da inclyta cidade de Evora: dirigida a el Rei Dom Philippe o II. de Portugal nosso Senhor. Em Lisboa: Impresso por Pedro Crasbeeck, 1606. Disponível em: <https://purl.pt/50>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MARIOTTO, Elisabeta. José Leite de Vasconcelos. In: **Camões - Instituto da Copperação e da Língua**. Disponível em: <https://www.instituto-camoes.pt/activity/centro-virtual/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/jose-leite-de-vasconcelos>. Acesso em: 10 jun. 2024.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

Museu Nacional de Arqueologia. **O fundador**. Disponível em: <https://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=301>. Acesso em: 10 jun. 2024.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VASCONCELLOS, José Leite. História da Língua Portuguesa. **Revista Lusitana**: arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, redigido por José Leite de Vasconcellos, Lisboa, vol. XXV, n.1-4, p. 5-28, 1923/1925. Disponível em: <https://purl.pt/198>. Acesso em: 27 mar. 2024.

VASCONCELLOS, José Leite. Emendas gramaticais – para a história da língua portuguesa. **Revista Lusitana**: arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, redigido por José Leite de Vasconcellos, Lisboa, vol. XXXII, n.1-4, p. 275-293, 1934.

VASCONCELLOS, José Leite. Emendas gramaticais – para a história da língua portuguesa (continuação do vol. XXXII, pág. 293). **Revista**

**Lusitana:** arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, redigido por José Leite de Vasconcellos, Lisboa, vol. XXXV, n.1-4, p. 193-213, 1935.

VASCONCELLOS, José Leite. Emendas gramaticais – para a história da língua portuguesa (continuação do vol. XXXIII, págs. 193-213. **Revista Lusitana:** arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, redigido por José Leite de Vasconcellos, Lisboa, vol. XXXVII, n.1-4, p. 7-31, 1939.

VASCONCELLOS, José Leite. Emendas gramaticais – para a história da língua portuguesa (continuação do vol. XXXVII, págs. 5-31. **Revista Lusitana:** arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, redigido por José Leite de Vasconcellos, Lisboa, vol. XXXVIII, n.1-4, p. 113-126, 1940/1943.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa.** Apresentação de Celso Cunha. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

SOUZA, Adílio Junior de. O português (não) veio do latim: um problema filológico. *In:* SOUZA, Adílio Junior de. (org.). **Estudos clássicos e filológicos.** Araraquara: Letraria, 2021, p. 84-97.

SPINA, S. **Introdução à edótica:** crítica textual. São Paulo: Cultrix, 1977.



## Sobre os organizadores

### **Adílio Junior de Souza**

Doutor e mestre em Linguística (Proling/UFPB, 2015-2020). É professor de Língua Latina e Filologia Românica e Portuguesa no Curso de Letras da URCA, campus Cariri, Missão Velha – CE. Participa do Projeto de Pesquisa Linguística do Discurso (PPGL/URCA), Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base (TLB/UFPB) e Grupo de Estudos de Língua Latina de Manaus (GELLAMA/UFAM). É membro da Associação Brasileira de Professores de Latim (ABPL). Desenvolve pesquisas em Linguística, Filologia e Língua Latina. É autor/coautor de artigos e capítulos em periódicos e em livros na área da Linguística, Literatura e Filologia.

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-5545-6441>

**E-mail:** [adilio.souza@urca.br](mailto:adilio.souza@urca.br)

### **Francisco de Freitas Leite**

Doutor em Linguística (Proling/UFPB, 2014), mestre em Linguística (Proling/UFPB, 2009), especialista em Ensino de Língua Portuguesa (URCA - 1999) e graduado em Letras (URCA - 1998). Concluiu estágio pós-doutoral junto ao PPGL-UFC (2015) na linha de pesquisa de Linguística Aplicada. Atualmente é professor associado N do Curso de Letras da Universidade Regional do Cariri-URCA e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (mestrado acadêmico) da mesma IES, onde coordena o projeto de pesquisa: Linguística do discurso, que é ligado à linha de pesquisa: Língua, discurso e identidades; é líder do grupo de pesquisa: Dialogismo e Linguística - DIALIN (que é ligado ao Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária - NETLLI). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, Língua Portuguesa e Língua Latina, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística histórica, história da língua portuguesa, poesia brasileira e teoria/análise dialógica do discurso.

**Orcid:** <http://orcid.org/0000-0002-4244-0835>

**E-mail:** [freitas.leite@urca.br](mailto:freitas.leite@urca.br)

Na presente edição paleográfica, resgatamos a “História da Língua Portuguesa”, texto escrito por José Leite de Vasconcellos em 17 de janeiro de 1923 para a *Revista Lusitana: arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal*. Trata-se de uma edição filológica, produzida com todo rigor acadêmico, a fim de promover a conservação desse patrimônio documental e linguístico da língua portuguesa.

*Adílio Junior de Souza  
Francisco de Freitas Leite*